

E-aulas na ESEC: muito para além das aulas

Carla Patrão

Dina Soeiro

Escola Superior de Educação – Instituto Politécnico de Coimbra

Resumo

A aprendizagem acontece muito para além das aulas. Numa lógica *à Bolonhesa*, de tutoria, orientação, a utilização de um sistema de gestão da aprendizagem através da Internet possibilita um acompanhamento para além de limites de horários, espaços presenciais, formais, distâncias. Por isso, neste artigo, mais do que promovermos o Moodle, daremos voz a quem o utiliza e a quem dele precisa para falar do que é o E-aulas, das suas potencialidades pedagógicas por explorar, do que tem muito mais para oferecer do que apenas ser um distribuidor de conteúdos, que pode ser um promotor de contextos de desenvolvimento pessoal, social e até organizacional.

Palavras-chave

Aprendizagem, Ensino superior, Potencialidades pedagógicas, Moodle

Abstract

Learning happens beyond classes and in a Bologna Convention locus of tutoring and orientation, using a learning management system based on the Internet allows follow-up beyond schedule limits, presential spaces, formality and distance. This is why in this article we wish to do more than to promote Moodle, by giving voice to those using it and needing it, to talk about E-aulas, its pedagogical potentialities to explore, about what it has to offer, much more than a plain content distributor, as a promoter of contexts of personal, social and organizational development.

Key-words

Learning, Higher education, Pedagogical potentialities, Moodle

1. O e-aulas na ESEC

O E-aulas é um ambiente de aprendizagem virtual sócio-construtivista, ao serviço dos estudantes e professores da Escola Superior de Educação de Coimbra (ESEC), que funciona como complemento à formação presencial, cujo objectivo é melhorar a qualidade da aprendizagem. É suportado pela plataforma Moodle que oferece potencialidades pedagógicas exploradas e largamente reconhecidas por instituições de educação portuguesas e estrangeiras de prestígio, como, por exemplo, a Open University. Para além da qualidade pedagógica que apresenta, este sistema de gestão da aprendizagem tem a grande vantagem de ser gratuito.

O Moodle já existia na ESEC através do espaço e-Comunicar, desde 2005, para apoiar com sucesso os estudantes das licenciaturas de Comunicação e, mais tarde, de Animação Socioeducativa. Alguns docentes estavam curiosos, queriam saber o que era e como funcionava, solicitando informalmente formação e a possibilidade de o utilizar como um meio complementar de gestão do processo de aprendizagem. Então o e-Comunicar cresceu e deu lugar ao E-aulas, disponível para os docentes que o quisessem aproveitar. Para apoiar a sua utilização, organizaram-se dois *workshops*, que permitiram a 30 docentes conhecer a plataforma, discutir as suas potencialidades pedagógicas, analisar experiências da sua utilização na ESEC, criar as disciplinas no sistema e começar a explorar. Observámos que existiu entre-ajuda neste processo, que foi uma forma de também partilhar dificuldades e experiências pedagógicas, independentemente das áreas e disciplinas. Foi uma oportunidade dos docentes abrirem as portas das suas metodologias aos colegas.

Todavia, nem todos os professores que fizeram esta formação estão a usar e-aulas, e há alguns que estão a utilizar e não participaram nos *workshops*. Alguns docentes tiveram outras formações na ESEC, como no Projecto *Formação Pedagógica para o Ensino Superior*, já dominavam por experiências anteriores ou foram descobrindo à medida que usavam e foram aprendendo com os colegas que já utilizavam.

Actualmente a plataforma é usada em mais de 100 disciplinas, de 16 cursos, apoiando cerca de 2750 utilizadores, professores, alunos e ex-alunos, desde o ano lectivo 2007/2008. O E-aulas é um espaço de apoio aos estudantes das licenciaturas e mestrados, que possibilita o seu funcionamento em regime misto, presencial e virtual, ou seja, *blended-learning* (*b-learning*).

Desde o início do E-aulas que procuramos descrever, compreender e avaliar o processo de adesão e adaptação dos utilizadores, o uso desta plataforma e o seu contributo para a qualidade da formação e para a mudança pedagógica, a partir da percepção dos docentes e estudantes, bem como da observação contínua e análise crítica da evolução do processo. Identificar as dificuldades que encontraram, as limitações e as vantagens, recolher

sugestões e definir estratégias para melhorar o E-aulas e a sua utilização pedagógica também são nosso objectivo. Porque se assume esta intencionalidade de transformação pedagógica, a investigação-acção participativa parece-nos um tipo de metodologia coerente com os objectivos propostos. A metodologia deste trabalho é essencialmente qualitativa, baseada na observação e na análise de conteúdo de entrevistas, questionários, dados da plataforma, como fóruns e estatísticas. Acompanhámos os professores de diferentes áreas científicas e estudantes utilizadores de vários cursos e especificidades, como trabalhadores-estudantes, estudantes surdos, alguns dos quais entrevistámos várias vezes num percurso de formação desde licenciatura a mestrado, e em momentos-chave como estágios e desenvolvimento de projectos de investigação.

Já é o terceiro ano lectivo e estamos a observar que, apesar do número de utilizadores, do número de turmas, cursos e docentes ter crescido, a sua utilização fica aquém do possível e do desejável, daí que o objectivo deste artigo seja mostrar as potencialidades pedagógicas não exploradas, recorrendo sobretudo à voz, perspectiva e contributos dos próprios utilizadores.

2. Potencialidades pedagógicas a explorar

Alguns professores aproveitaram o Moodle como uma boa oportunidade para mudar as metodologias pedagógicas, tornando as suas disciplinas mais abertas à participação dos estudantes, outros utilizaram a plataforma apenas como uma ferramenta de distribuição de conteúdos e de recolha de trabalhos.

Para os professores, a perspectiva sobre a utilização pedagógica do Moodle é mais optimista do que a dos estudantes, embora a destes seja positiva também, é mais crítica, menos entusiástica. No entanto, vai ao encontro das conclusões de uma análise de estudos portugueses sobre o ensino superior, onde Alarcão e Gil (2004) se referem a investigações sobre as iniciativas de *e-learning* e afirmam que, em geral, os estudantes avaliam positivamente esta modalidade, sobretudo os trabalhadores-estudantes. A relação dos estudantes com as tecnologias é de familiaridade. Alguns deles tiveram até experiências prévias de utilização de plataformas de aprendizagem. A relação com a tecnologia é positiva, contudo como uma das professoras afirma “não é uma relação de entusiasmo ou de paixão”, mas necessária.

A tecnologia deve estar ao serviço da aprendizagem, para de forma coerente responder às necessidades e aproveitar as potencialidades dos contextos de formação. “A tecnologia é uma ferramenta, a ferramenta só por si não faz nada” (Silva, 1998, p. 134). Por isso, não adianta ter uma plataforma excelente se não for bem utilizada. Uma tecnologia adequada não garante, por si só, o êxito da aprendizagem. Deve subordinar-se

a tecnologia aos objectivos educativos, escolher a tecnologia que seja necessária, fiável, segura e acessível aos aprendentes (Mehrotra, Hollister e McGahey, 2001) e utilizá-la bem pedagogicamente.

Adverte um professor, “os docentes têm de ter formação e condições para usarem este sistema que exige grande disponibilidade física e mental”. Reconhece outro: “qualquer ferramenta que facilite a processo de ensino aprendizagem deve ser utilizada. No entanto, tem de haver vontade e tem de se adequar à natureza e aos objectivos da unidade curricular”. Os docentes consideram vantajosa a generalização do E-aulas na ESEC, mas avisam que é necessário serem apoiados para trabalharem em *b-learning*, com formação pedagógica sistemática, contínua, com condições, em termos de organização, meios e recursos, para que essa aposta seja responsabilizadora e partilhada. Os estudantes concordam que os professores devem rentabilizar para a aprendizagem as potencialidades da plataforma, como confirma esta estudante de mestrado que sugere a “consciencialização dos docentes para a utilização desta ferramenta e a possibilidade dos alunos trocarem apontamentos e ideias, discutindo temas leccionados. Um *workshop* onde pudéssemos aprender a utilizar todas as ferramentas do E-aulas.”; e um estudante de Comunicação e Design Multimédia (CDM): “considero bastante urgente a sensibilização por parte de todos os professores em utilizar este tipo de plataforma e ao mesmo tempo dar formação para que possam manter tudo organizado”. Assim, é fundamental haver uma estrutura de apoio, ao serviço dos docentes e dos estudantes, que ajude a rentabilizar a utilização da plataforma, quer do ponto de vista tecnológico, quer do pedagógico.

Em *b-learning*, como a formação presencial é complementada com o contexto virtual de aprendizagem, a carga de trabalho dos estudantes e do professor deve ser distribuída de forma equilibrada, não deve significar uma adição, mas uma complementaridade. O contexto virtual deve apoiar, não complicar a aprendizagem. Em *b-learning*, assim como em *e-learning*, uma boa gestão do tempo e das actividades formativas é essencial.

Neste sentido, Ramos (2004) chama a atenção para a necessidade de encontrar formas dignas de contabilização deste trabalho dos docentes como forma de reconhecimento adequado do esforço dos professores que se empenham na inovação e de encorajamento da adesão de novos docentes. O êxito e a qualidade desta modalidade dependem sobretudo da motivação dos professores, mas esta não chega, é necessário que seja também objecto do investimento das instituições. Esta mudança no sentido da inovação pedagógica só é possível com a adesão e participação de todos os elementos (Simão, Santos e Costa, 2003).

Referindo-se à relação entre o Moodle e a pedagogia, diz um professor: “deve haver uma união, de facto, tendo como padrinho o Processo de Bolonha... mas para ser

minimamente eficaz, exige um divórcio com a visão do passado, (professores com muitas turmas, muitas unidades curriculares, com trabalhos académicos em mãos, sem tempo para pensar com os alunos) corre-se o risco de baixar a qualidade das aprendizagens, se se ficar apenas pelo folclore e não houver mais condições para se trabalhar no novo paradigma...”.

2.1. Muito mais do que um repositório de conteúdos

No primeiro ano de utilização, a plataforma era recurso de poucos docentes, mas no segundo ano de vida do e-aulas, os professores que já utilizavam com uma ou duas disciplinas depois generalizaram a todas e o número de professores utilizadores duplicou.

Uma docente de Comunicação Organizacional (CO) justifica o início da sua actividade “com todas as cadeiras de todos os géneros, desde o início deste ano lectivo por achar que o Moodle é muito mais interessante, menos “depósito” de conteúdos, mais interactivo.” Todavia, pensamos que a razão que levou a este aumento de adesão não se deveu às vantagens do Moodle, mas ao facto da plataforma MyESECweb, de gestão de conteúdos, construída para utilização generalizada na Escola não estar operacional no início desse ano lectivo e alguns professores, para disponibilizarem os materiais de apoio, recorreram ao e-aulas. Como uma estudante de CDM justifica: “comecei a utilizar o e-aulas assim que os professores nos indicaram... A utilização apenas é feita para ver que trabalhos temos que fazer, as datas de entrega e material de apoio. Não utilizamos muito mais, pode-se dizer que mal usufruímos do fórum...é mais utilizado como apenas uma espécie de e-mail”. Uma professora corrobora: “para os estudantes funciona apenas como local onde retiram materiais de apoio e onde colocam trabalhos de casa. E outra docente confirma: “os alunos limitam-se a fazer o *download* dos materiais de apoio e a entregar trabalhos”.

Sobre esta utilização pobre do E-aulas, justifica uma docente, “provavelmente será por coabitarem dois sistemas de disponibilização de informações e por ser o Moodle o menos escolhido, que a presença do Moodle ainda não impôs as suas vantagens”. Como repara um estudante de CDM: “um pouco confuso ao início. Mais uma plataforma que vem confundir ainda mais os estudantes que não sabem onde ir buscar os documentos necessários.” Tal como diz outro colega seu: “penso que a plataforma Myesec e a E-aulas “atropelam-se” uma à outra, pois ambas podem ter a informação referente à disciplina, ambas podem disponibilizar material de apoio, etc. Considero a plataforma myESEC com maior usabilidade do que o E-aulas, apenas com um inconveniente que é o de não se poder submeter tópicos”.

De facto, existem três plataformas na ESEC: para além do Moodle no E-aulas, temos o MyESECweb para materiais de apoio e a Secretaria Virtual para sumários e notas, todavia só no E-aulas os estudantes podem ser produtores de conteúdos e interagir. Nas outras duas, são apenas consumidores, numa lógica de “*concepção bancária de educação*” que Freire (2006) critica, pois esta limita a educação a um acto de depósito, na qual o aprendiz, passivamente, recebe esse depósito.

O E-aulas é usado maioritariamente para colocar materiais de apoio. Independentemente do Moodle ser potencialmente mais rico, a utilização deste foi sobretudo a mesma que davam à MyESECweb.

Exemplo disso, são os mais de 1200 recursos lá disponíveis. Apesar de terem sido criadas 29 salas de conversação e mais de 200 fóruns, alguns deles nunca estiveram activos, o que sugere que, apesar do Moodle ser, para os estudantes e professores, uma ferramenta interessante para a comunicação e interactividade, as suas potencialidades não são rentabilizadas, como reconhece uma professora: “tenho a noção de não usar todas as possibilidades do Moodle mas as que uso são acessíveis”.

Em relação à utilização da plataforma, diz uma estudante: “de um modo geral correu muito bem, apesar de inicialmente haver algumas dificuldades. Importa salientar o apoio constante da professora.” Todavia um estudante de CDM adverte: “Existem professores que organizam os conteúdos melhor que outros, facilitando bastante ou não a tarefa por parte do aluno”. Para os alunos, o mais fácil é ir lá buscar ou deixar documentos, utilizar a plataforma apenas como um repositório de conteúdos.

Em relação às dificuldades, afirma uma estudante de CDM, “depois de ir explorando (às vezes mal) é que nos fomos habituando às ferramentas.” Outro colega de CDM refere que “o *layout* por vezes é confuso e a informação não está instantaneamente acessível”, isto pode dever-se à estratégia de alguns professores que por entre mensagens de fóruns vão anexando materiais de apoio, para assim “obrigar” os estudantes a irem aos fóruns e participarem nas discussões. E, para os estudantes, dá menos trabalho a encontrar se os materiais estiverem dispostos todos numa secção, sobretudo se o professor deixa os materiais todos logo nos primeiros dias. Assim, os alunos só precisam de lá ir uma vez e perdem-se todas as outras possibilidades. Por isso, afirma uma professora: “há necessidade do docente desenvolver estratégias que permitam aos alunos perceber os benefícios do uso”.

O E-aulas facilita as tarefas dos professores, sobretudo na partilha de conteúdos, na organização dos materiais de apoio, quer produzidos pelos docentes, quer construídos pelos estudantes, no uso de incentivos aos alunos e feedback mais eficaz. Uma professora afirma: “tem ainda a vantagem de guardar a memória de uma cadeira, quer os conteúdos

que disponibilizei quer os trabalhos feitos pelos alunos”.

Para os professores, o E-aulas possibilita “um contacto mais assíduo e mais eficaz com os/as estudantes”. Mudou a criação de materiais de apoio, tornou-os mais acessíveis, a qualquer hora, em qualquer lugar, mas também às bolsas dos estudantes, porque gastam menos em fotocópias. Os trabalhos são recebidos e organizados mais facilmente e a avaliação contínua ganha com toda esta proximidade. Sublinham ainda a vantagem de criar um espaço próprio e mais interactivo para cada turma, onde a relação estudante(s)-professor sai beneficiada.

Um trabalhador-estudante de ASE afirma que o E-aulas mudou a formação: “sem dúvida, a mudança deve-se ao facto de poder dar continuidade à minha formação em casa, e de ter sempre acessível a documentação facultada pelos docentes.” Outro estudante de ASE confirma: “de certa forma mudou um pouco. No aspecto de se poder aceder a informações em tempo rápido e quando o aluno pode... novas formas de aprender que têm as suas vantagens”. Opinião contrária tem um estudante de CDM, também trabalhador-estudante: “se mudou a formação, acho que não, pois a formação será sempre a mesma, mas tenho a certeza que facilitou o contacto entre aluno e professor, pois construiu uma ponte para a entrega de trabalhos e a consulta de diverso tipo de material”, tal como outra colega de Turismo, que responde: “não muito, os professores não utilizam muito essa plataforma”.

Já a estudante do mestrado tem outra perspectiva: “permitiu um acesso mais rápido à informação e, por sua vez, a troca de experiências. Para além disto, é uma ferramenta, que, actualmente, utilizo no emprego, e foi uma mais-valia para a minha contratação.” Que vem dar razão a uma sua afirmação feita no ano anterior, enquanto finalista de licenciatura: “A utilização da plataforma E-aulas foi uma experiência de bastante importância. Por um lado, o E-aulas permitiu-me iniciar e desenvolver os meus conhecimentos e competências no domínio de plataformas e-learning, até agora quase nulo. Se tivermos em conta que para a nova etapa que se aproxima, no meu caso o mercado de trabalho, a utilização desta ferramenta é uma mais-valia, então, cada vez mais é de aproveitar a possibilidade de utilização que nos deram. Aliás, uma vez que estamos a pagar propinas é de valor aproveitar tudo o que a escola nos pode oferecer.” Os estudantes consideram que o E-aulas apoiou e complementou a formação presencial e por isso reivindicam a generalização do E-aulas a outras disciplinas.

2.2. Diversidade na sua aplicação

A ESEC tem cursos de natureza muito diversa e a utilização do E-aulas é também espelho dessa diversidade. Assim, há cursos que estão a utilizar muito mais do que outros. Contudo, a natureza das próprias disciplinas e cursos não é determinante para a dimensão da utilização do E-aulas, embora seja um factor a considerar, como na licenciatura em Teatro e Educação que utiliza pouco e em Arte e Design que nem sequer usa. Esta dimensão depende mais do envolvimento e entusiasmo dos professores, que vão contribuindo para motivar outros colegas. Exemplo disso, as licenciaturas em Animação Socioeducativa (ASE) e Comunicação Organizacional são os cursos que utilizam mais, sendo que, curiosamente, a licenciatura em Comunicação e Design Multimédia é dos cursos que utiliza menos.

A plataforma também está a ser utilizada no Mestrado em Educação Musical do Ensino Básico e no Mestrado de Educação de Adultos e Desenvolvimento Local, com disciplinas partilhadas por vários docentes, e neste caso, o E-aulas facilita o trabalho em equipa.

O processo de interacção, à luz do paradigma construtivista, seria promotor de construção dialógica do conhecimento. É da interacção que nasce o conhecimento. Todavia, grande parte dos alunos não são muito participativos e só utilizam a plataforma quando têm uma tarefa estipulada e um prazo a cumprir. Desculpam-se com a falta de tempo, com o excesso de trabalhos noutras disciplinas ou com a dificuldade em acederem a um computador, tal como confirma um estudante de ASE: “a participação foi pouca devido ao pouco tempo disponível, e na dificuldade de acesso à Internet”. Diz também uma estudante de CDM “se não fosse obrigatório entregar trabalhos através da plataforma posso dizer que nem a utilizava”. Aqui está um testemunho que exemplifica a resistência geral das turmas de CDM à utilização da plataforma, o que é uma surpresa, uma vez que as tecnologias são uma ferramenta essencial e familiar neste curso. Esta aluna explica: “E é uma ótima ferramenta para estudantes-trabalhadores ou alunos que residam longe da faculdade. Mas também não vi mais nenhum lado bom da sua utilização. O professor continuava a ser o professor (a receber trabalhos e avaliá-los) e o aluno continuava a ser aluno (a entregar trabalhos) e através do E-aulas era como se tivéssemos um professor virtual, aquele que nem fala! Em vez de nos fazer comunicar mais até parece que cortou as relações, porque nem comentários “ouvíamos””.

Este silêncio do professor cala todas as possibilidades que este recurso oferece. Por isso, um trabalhador-estudante finalista de ASE refere a necessidade de um “compromisso de ambas as partes de consultar e de acompanhar o que se vai sucedendo no E-aulas”. O professor é sobretudo um facilitador, animador, moderador. Exige que ele dê *feedback* rápido. Importa, pois, definir com os estudantes um prazo realista e razoável para esse

feedback (normalmente entre 24 a 48 horas), para que eles não estejam à espera de feedback imediato, mas também não desesperem ou desanimem. É, de facto, importante que o professor dinamize o espaço formativo. Se os estudantes sentirem que o professor não se envolve, também não participam. Para motivar os estudantes e para valorizar a sua participação, é também necessário avaliá-la. Contar para nota é um incentivo à participação.

No que diz respeito às dinâmicas de interacção no E-aulas entre estudantes, chamamos a atenção para o que diz uma estudante de CDM: "Expondo certos trabalhos e trocando comentários com o professor à vista de todos faz, muitas vezes, com que essa pessoa seja deixada de parte ou ela pode ouvir comentários como "´tás a engraxar?". Num mundo adulto ainda se pode ver muita ciancice. O E-aulas pode ser uma boa ferramenta mas há maus utilizadores."

A utilização da plataforma, segundo os docentes, foi variável, dependendo dos estudantes, das turmas e cursos. "A experiência foi bastante positiva, a todos os níveis. Contudo, a turma do 3º ano do Curso de ASE, foi bastante mais participativa do que a turma do 2º ano da mesma disciplina, do mesmo curso. Terá a ver com uma maior maturidade académica e científica que mais um ano de trabalho confere?", interroga-se um docente. Pensamos que esta é uma variável a considerar, mas também há outras como a novidade e o entusiasmo dos estudantes do 1.º ano.

Na nossa experiência observámos que o e-aulas facilita a integração dos trabalhadores-estudantes nas turmas, uma vez que a sua frequência às aulas é muitas vezes comprometida por causa da sua situação. Apesar de muitas vezes não se encontrarem nas aulas, estão juntos no E-aulas, e aí, até podem trabalhar de forma colaborativa, por exemplo, em *wikis*, *workshops*. Um professor sugere uma estratégia criativa: fóruns aos quais chamou "café", que são espaços informais, de conversa livre, que contribuem para fortalecer a relação entre estudantes e até com o professor.

Sobre a relação estudantes-professor, conta uma estudante de CDM: "conheço casos em que melhorou a relação aluno-professor na medida em que o aluno era tímido e prefere comentar através da Net em vez de expor as dúvidas na aula." Todavia os estudantes referem a importância da relação presencial, da qual não abdicam. Apesar de Joyes (2000), nas suas investigações, concluir que os estudantes consideraram que o *feedback* face-a-face não trouxe vantagens significativas para a sua aprendizagem, a falta de contacto presencial é naturalmente uma limitação dos sistemas de gestão da aprendizagem através da Internet.

A plataforma tem aproximado os alunos, em especial aqueles que estão ausentes da escola. A distância é superada no caso dos trabalhadores-estudantes, dos alunos do

programa Erasmus e estagiários. Um professor reconhece: “É uma mais valia quando aliada à presencial – fundamental nalgumas etapas”, como os estágios e projectos de investigação.

O trabalho de orientação de estágios pode ser facilitado através da plataforma, porque mantém um contacto mais próximo e sistemático com os alunos. O glossário de termos técnicos pode ser uma ferramenta preciosa para os alunos, que enfrentam o novo desafio do mercado de trabalho. O *blog* também é uma ferramenta interessante, assim como o *portfolio*, que sendo personalizado, poderá cumprir uma função académica de acompanhamento e avaliação, mas também profissional. A utilização constante do fórum, por parte dos alunos, permite aos orientadores o acompanhamento assíduo do trabalho desenvolvido diariamente. Os fóruns e os *chats*, permitem ainda resolver todas as dúvidas, de forma imediata. Para além do relato do trabalho realizado, os alunos podem partilhar as experiências, os anseios e as expectativas em relação ao mercado de trabalho.

Como explica, uma trabalhadora-estudante de ASE: “Temos a oportunidade de ter o nosso Professor ou Professora do outro lado, a tirar as nossas dúvidas, a dar-nos alento (que é tão importante!!!), a dar-nos sugestões,... enfim uma série de coisas que só quem trabalha, estuda e quer ser alguém na vida é que dá valor e importância a esta Plataforma.”

Simão, Santos e Costa (2003) advertem que as instituições não podem ignorar a necessidade de acolhimento ajustado a novos públicos, numa perspectiva de «educação e formação ao longo da vida», e nesse sentido, acolhendo os estudantes maiores de 23 anos, predominantemente trabalhadores, a ESEC tem de oferecer soluções alternativas e flexíveis. O uso pedagógico do e-aulas é uma solução, especialmente eficaz para os estudantes-trabalhadores, porque o *b-learning* permite a flexibilidade e autonomia. Contudo, no que diz respeito aos estudantes adultos não tradicionais, tem de se ter algum cuidado, porque pode existir “*um desfasamento geracional em relação às novas tecnologias*” (Correia e Mesquita, 2006, p. 96) o que implicará disponibilizar formação e apoio específico.

Outra questão a ter em consideração é que os alunos revelam preocupações com a exposição pública da plataforma, isso é notório nas participações dos fóruns que têm uma escrita mais cuidada, dada a vinculação do discurso escrito. Parece ser esse o motivo pelo qual alguns alunos não participam muito nos fóruns.

No caso dos estudantes surdos, embora a ferramenta lhes possa ser útil se for bem explorada pedagogicamente, a maioria não está à vontade para participar, uma vez que não querem expor aos colegas (sejam eles surdos ou ouvintes) e até aos professores as

dificuldades na escrita, pois preferem comunicar gestualizando apenas. A utilização de vídeo iria ao encontro deste desejo, todavia, sem abdicar da exigência da escrita que é essencial, ainda mais porque têm dificuldades.

2.3 - Perspectivas diferentes, contributos diferentes, mas complementares

Para melhorar o e-aulas, os docentes sugerem tornar a plataforma visualmente mais apelativa, tal como os estudantes. Como sugestões, uma estudante de CDM propõe: “deveriam deixar textos de apoio ou de acordo com os temas abordados na aula, (deixar resumos já é pedir demais mas também ajudava), podiam deixar *links* para sites de interesse, realizações de *workshops* que tenham conhecimento, nomes de livros interessantes... Quanto ao E-aulas em si, penso que o *layout* deveria melhorar um pouco, pois ao fim de uns minutos já temos vontade de abandonar o sítio.” Todos os estudantes de CDM referem que era necessário melhorar o *layout*, o que nos indica mais um factor que possa justificar a resistência dos estudantes de CDM na utilização da plataforma.

É interessante verificar que as perspectivas dos estudantes sobre o E-aulas dependem das suas áreas, destacando os de CDM que chamam a atenção sobretudo para a necessidade de melhorar o *layout* e os de ASE que valorizam as potencialidades de interacção, partilha e colaboração. Por isso, propomos que os estudantes pudessem trabalhar em projectos que melhorassem o E-aulas e a sua utilização, tornando a plataforma também fruto do seu investimento reconhecido academicamente. Os de CDM poderiam trabalhar o *layout* e os de ASE a exploração das potencialidades de interacção, partilha e colaboração. Podiam até trabalhar em conjunto, com projectos de vários cursos, de forma interdisciplinar.

Conclusão

Partimos da ideia de que muito para além das aulas, o E-aulas é um espaço de múltiplos contextos de aprendizagem que nasceu e continua a crescer pelo empenhamento dos professores e pelas dinâmicas que os estudantes lhe conferem. E tal como as aulas são muitos diferentes ou muito iguais, também no E-aulas se pode limitar a reproduzir ou pode inovar. E é a inovação pedagógica, a criatividade e o envolvimento dos que aprendem através do E-aulas, estudantes e professores, que responde aos desafios que todos os dias no ensino superior abraçamos.

O MyESECweb é uma plataforma que gere conteúdos, poder exclusivo do professor e o estudante apenas consome, não contribui, não transforma, enquanto que o Moodle permite que os estudantes consigam gerir a aprendizagem, participem na construção dos contextos dessa aprendizagem.

O Moodle é normalmente utilizado em contexto pedagógico, mas a nossa proposta ultrapassa esta dimensão, apesar de ser para nós a mais importante, por isso lhe dedicámos o artigo. Todavia não queríamos deixar de apontar algumas pistas para rentabilizar o Moodle também do ponto de vista organizacional.

Assim, sugerimos que o Moodle seja também um contexto de comunicação e proximidade institucional que, naturalmente, contribui para a qualidade da formação. Explorar não só as potencialidades pedagógicas, mas também as de comunicação e de interação úteis aos professores, ao seu trabalho de interdisciplinaridade e até ao trabalho organizacional e de gestão, uma vez que a escola se encontra num processo de reorganização, no qual foram criados departamentos. A utilização do Moodle pode permitir a comunicação intra e inter-departamentos. Cada departamento pode ter o seu espaço e nele comunicar através de fóruns, salas de conversação, partilhar documentação e ficheiros, notificar as actualizações, desenvolver propostas, criar documentos em colaboração através dos *wikis*, construir bases de dados, realizar referendos e criar um histórico. Com estas possibilidades a organização do trabalho pode ser mais aberta, transparente, democrática e participativa.

Caminhamos para plataformas que gerem comunidades, ao mesmo tempo que possibilitam a colaboração e participação, permitem a personalização, ou seja, a adequação dos conteúdos ao perfil do utilizador, o que, por exemplo, pode ser importante para ir ao encontro do estilo de aprendizagem do estudante. Deste ponto de vista, as ferramentas colaborativas da WEB 2.0 podem ser muito úteis do ponto de vista pedagógico e organizacional numa instituição de Ensino Superior.

Bibliografia

- Alarcão, I., & Gil, V. (2004). Teaching and learning in higher education in Portugal: an overview of studies in ICHED. In V. Gil, I. Alarcão & H. Hooghoff, (Eds.), *Challenges in teaching & learning in higher education* (pp. 195-214). Aveiro: Universidade.
- Correia, A. M., & Mesquita, A. (2006). *Novos públicos no ensino superior: desafios da sociedade do conhecimento*. Lisboa: Edições Sílabo.
- Freire, P. (2006). *Pedagogia do oprimido*. São Paulo: Paz e Terra.
- Joyes, G. (2000). An evaluation model for supporting higher education lecturers in the integration on new learning technologies. *Educational Technology & Society*, 3 (4). Consultado em Setembro 2001, http://ifets.ieee.org/periodical/vol_4_2000/joyes.html.
- Mehrotra, C., Hollister, C. D. & McGahey, L. (2001). *Distance learning: principles for*
-

effective design, delivery, and evaluation. Thousand Oaks: Sage Publications.

Ramos, F. (2004). O e-learning na Universidade de Aveiro. In T. Burnham & M. Mattos, (Orgs.), *Tecnologias da informação e educação à distância* (pp. 155-170). Salvador, Bahia: EDUFBA.

Silva, J. C. (1998) A tecnologia, as imagens e o currículo. In Conselho Nacional de Educação, *A sociedade da informação na escola* (pp. 133-139). Lisboa: Ministério da Educação.

Simão, V., Santos, S., & Costa, A. (2003). *Ensino superior: uma visão para a próxima década*. Lisboa: Gradiva.

Correspondência

Escola Superior de Educação
Praça Heróis do Ultramar – Solum,
3030-329 Coimbra, Portugal

Carla Patrão

cpatrao@esec.pt,

Dina Soeiro

disoeiro@esec.pt

